

# **GILDA, MODA, FILOSOFIA E FEMINISMO**

## **GILDA, FASHION, PHILOSOPHY AND FEMINISM**

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v22n1p135-140

### **Resumo**

O artigo procura analisar a tese de doutorado de Gilda de Melo e Souza sobre moda no século XIX, criando paralelos com a situação política da época, o feminismo e a carreira da professora como a primeira mulher a chefiar o departamento de filosofia da FFLCH-USP. É analisado a distinção entre essas três dualidades de opostos: costume x moda; pobre x rico; mulher x homem em sua pesquisa, como a mulher entrou na vida social no século XIX por meio da moda e como a própria Gilda entrou na vida intelectual.

**Palavras-chave:** Moda. Feminismo. Filosofia. FFLCH, USP.

### **Abstract**

The article seeks to analyse Gilda de Melo e Souza's PhD about fashion in the XIX century, creating parallels with the political situation at the time, feminism and her own carrier as a professor and as the first woman to be Department of Philosophy Chair, at FFLCH-USP. It's also analyzed the distinction between these three dualities of opposites: custom x fashion; poor x rich; woman x man in her research, how a woman got into social life in the XIX century through fashion and how Gilda herself go into the intellectual life.

**Keywords:** Fashion. Feminism. Philosophy, FFLCH, USP.

---

### **Paulo Abe**

Escritor e Filósofo (FFLCH/USP)

E-mail: pauloaltro@hotmail.com

## Gilda, moda, filosofia e feminismo

Em 1950, Gilda apresenta em seu doutorado pela USP a dissertação “O espírito das roupas – a moda no século XIX”. O tema, moda, na época foi considerado “fútil” e “coisa de mulher”<sup>1</sup>, todavia no trabalho de Gilda há, pelo contrário, um tom politizado, sendo um dos primeiros textos a abordar o tema de forma tão analítica com análises de crivo estético, psicológico e conceitual.<sup>2</sup> Por indicação de seu orientador Roger Bastide – do qual foi também assistente –, se enveredou pela moda e estética, precedendo em muitos anos uma história da sensibilidade de Roland Barthes.

Em seu trabalho, ela não toma para si o conceito de moda que Charles Blondel constrói, isto é, o de que “o fenômeno [da moda] ocorre não só nas ideias, mas na vida afetiva, pois se a sociedade fixa os nossos sentimentos não o faz de modo permanente, mas através de sucessivas flutuações”<sup>3</sup>, o que poderia chegar até outros campos, como a política, ciência, religião etc. Antes, se foca em um conceito mais restrito, isto é, a apenas às vestimentas e ornamentação pessoal.

Como costumes e moda se antagonizam, como Gilda afirma que todos os sociólogos o confirmam, partes diferentes da sociedade se ligam a um e a outro, não apenas por questão de escolha, mas por condição econômica e social. “*Enfim, os costumes são tipos de comportamento social relativamente mais permanentes e, posto que mude, acarretam uma participação menos ativa e consciente do*

1 PONTES, Heloísa. A paixão pelas formas: Gilda de Mello e Souza. In: *Novos Estudos* 74, março, 2006, p. 99.

2 Diferente de Florestan Fernandes, não escolhe para si o tema da guerra, “*atividade masculina por excelência, ‘sagrada’ e ‘nobre’*”. In: Cf. Souza, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas*, p.7 In: PONTES, Heloísa. A paixão pelas formas: Gilda de Mello e Souza. In: *Novos Estudos* 74, março, 2006, p. 99. O próprio até, além de elogios, guardou críticas ao texto de Gilda: “*Poder-se-ia lamentar, porém, a exploração abusiva da liberdade de expressão (a qual não se coaduna com a natureza de um ensaio sociológico) e a falta de fundamentação empírica de algumas das explicações mais sugestivas e importantes.*” In: Trechos de resenha que Florestan Fernandes publicou na revista *Anhembi* (dez. 1952, no 25, pp. 139- 40, realces a autora deste artigo). In: PONTES, Heloísa. A paixão pelas formas: Gilda de Mello e Souza. In: *Novos Estudos* 74, março, 2006, p. 94.

3 BLONDEL, Charles. Introduction à la psychologie collective, Armand Collin, Paris, 1928, p. 165. In: SOUZA, Gilda de Melo. *O espírito das roupas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 19.

*indivíduo.*”<sup>4</sup> Assim, denota-se a importância da moda na constituição de si.

Entretanto, Gilda mostra consciência, para além da divisão de classes, também sobre a divisão sexual da sociedade e as pulsões envolvidas em tal esfera.

Sob a rígida organização das sociedades, fluem anseios psíquicos subterrâneos de que a moda pressente a direção. Na sociedade democrática do século XIX, quando os desejos de prestígio se avolumam e crescem as necessidades de distinção e de liderança, a moda encontrará recursos infinitos de torná-los visíveis. Por outro lado, quando a curiosidade sexual se contém sob o puritanismo dos costumes de uma sociedade burguesa, a moda descobrirá meios de, sem ofender a moral reinante, satisfazer um impulso reprimido.<sup>5</sup>

Assim, a moda está sempre em diálogo com seu tempo seja pela manifestação estética, seja pelos “meios psíquicos” da própria sociedade. Desta maneira, o papel do estilista é também de, para com o público, “*alertar sua sensibilidade para o momento social.*”<sup>6</sup> Ou seja, participar de certa forma de seu próprio *Zeitgeist*, o espírito de seu tempo; contrapor os costumes e mostrar distinção social e – no século XIX – de gênero. As roupas podem dizer, entre outras coisas, a distinção entre essas três dualidades de opostos, a saber: costume x moda; pobre x rico; mulher x homem. Desta maneira, é possível ver como a identificação também se relaciona na moda, por meio do gosto, do poder econômico e do gênero. Por fim, a moda identifica as pessoas a grupos de pessoas.

No entanto, “*o século XIX, trazendo as profissões liberais, a democracia, a emancipação das mulheres e a difusão dos esportes, completará as metamorfoses sociais que fizeram o traje hirto dos séculos anteriores desabrochar na estrutura movediça de hoje em dia.*”<sup>7</sup>

Um dos pontos fortes de tal livro se foca justamente na diferença dos sexos por sua própria configuração física, todavia mais ainda pelas características sexuais que as

4 SOUZA, Gilda de Melo. *O espírito das roupas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 20.

5 SOUZA, Gilda de Melo. *O espírito das roupas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 25

6 Idem, *Ibidem*, p. 31

7 Idem, *Ibidem*, p. 50

roupas acentuam em cada um. Entretanto, as mudanças sociais neste século XIX, ao emancipar a mulher, tentam mostrar essas duas divisões antagônicas, como duas faces de uma mesma humanidade.<sup>8</sup> Mas muito mais se dividia aqui, os afazeres, os códigos de honra, os lugares que deviam frequentar, assim que repensar tal antagonismo foi apenas uma forma de pensar o espírito de seu tempo, o padrão duplo da moralidade de uma época.

A história do traje nos mostra, é verdade, como os dois grupos sempre se diferenciaram através da roupa. A indumentária masculina evoluiu na sua trajetória de um “oblongo em pé”, sólido dos ombros aos tornozelos, ao seguimento de uma estrutura assemelhando-se no desenho a um H. A feminina tomou como “símbolo básico de sua construção um X”<sup>9</sup>.<sup>10</sup>

Desta maneira, Gilda se aprofunda na análise desse distanciamento na forma, cor e tecido das vestimentas de tal tempo, como a cristalização da indumentária masculina em direção à simplificação e, por fim, uniformização – perdendo a característica erótica - e a da mulher em ciclos.

Todavia, Gilda vê mais que a erotização da mulher na esfera de suas roupas. Isto, pois a moda, para o gênero feminino, é a grande arma contra as desigualdades de gênero e a afirmação individual dentro do grupo.<sup>11</sup> Porém, para explicar tal “ascensão”, é necessário dizer que uma mudança para tanto foi o desenvolvimento da indústria ter barateado muitas coisas, ter criado mais e novos empregos, colocar a mulher fora do ambiente doméstico mas também deixando-a, quando burguesa, sem ter o que fazer, a não ser se casar. Ou seja, a competição sexual aumentava.

O casamento era então uma espécie de favor que o homem conferia à mulher, o único meio de adquirir status econômico e social, pois aquela que não se casava era a mulher fracassada e tinha de se conformar à vida cinzenta de solteirona, acompanhando a mãe às visitas, entregando-se aos bordados

infindáveis, à educação dos sobrinhos. Ou então, em sociedades onde o movimento de emancipação ia mais adiantado como na Inglaterra, a uma vida de humilhação como governante.<sup>12</sup>

Pior ainda era o caso quando tinha de trabalhar, descia-se de classe e, por muitas vezes, até se mudava de nome pela humilhação. Desta maneira, a arte da sedução era sua única arma para se casar, além da vestimenta, mesmo que de forma simples, esta última, quando pobre e forçada a trabalhar. No entanto, era preciso estreitar o abismo entre a sedução e a etiqueta. Assim, no século XIX, se desenvolvia algo que remontava o século XV, isto é, um acentuar, por meio de ornamentos, de certas partes do corpo e utilizar as roupas no meio caminho entre o exibicionismo e a modéstia.<sup>13</sup> Ocorria na barra da saia, na linha do decote do vestido um “*jogo de esconde-esconde com que a mulher do século XIX chama a atenção para os seus encantos anatômicos, envolvendo-os em mistérios através da reticência e do disfarce, transformava-a numa verdadeira caixa de surpresas. (...) sem ofender a moral burguesa de guardar as aparências, [podia] oferecer-se ao mesmo tempo a uma quantidade de homens.*”<sup>14</sup>

Desta forma, é possível ver que o papel da mulher na sociedade no século XIX era uma luta para não ser marginalizada, empobrecida, ser condenada ao trabalho e à solidão. Sua única esperança repousava em um homem com quem se casasse, uma vez que toda riqueza, status e as portas para a inclusão na sociedade de fato ali se encontravam. Todavia, nem mesmo o casamento colocaria um final às frustrações da mulher, justamente pela mulher ainda estar alienada e estranha a esse mundo feito e regido por eles, os homens. A mulher é ainda “*prisioneira submissa de um universo que, incomunicável, não suspeitava o fluir de sua alma subterrânea.*”<sup>15</sup>

No entanto, foi justamente na moda, uma de suas armas para o casamento, que a mulher achou outro direcionamento para si, o de se rebelar e se realizar como

8 Idem, Ibidem, p. 57

9 CUNNINGTON, Willet C.. Collins Publisher. The art of English costume, p. 55 e 81.

10 SOUZA, Gilda de Melo. O espírito das roupas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 59

11 Idem, Ibidem, p. 89

12 Idem, Ibidem, p. 90

13 SOUZA, Gilda de Melo. O espírito das roupas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 93

14 Idem, Ibidem, p. 95

15 SIMMEL, George. Cultura feminina y otros ensayos, trad. Espanhola, 3ª ed., Espasa, Buenos Aires, 1944, p. 11. In: SOUZA, Gilda de Melo. Ibidem, p. 99.

indivíduo, ação esta que só o homem poderia operar dentro da sociedade.

Tendo a moda como único meio lícito de expressão, a mulher atirou-se à descoberta de sua individualidade, inquieta, a cada momento insatisfeita, refazendo por si o próprio corpo, aumentando exageradamente os quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe sobrava outro recurso – a busca de seu ser, pesquisa atenta de sua alma. E aos poucos, como o artista que não se submete à natureza, impôs à figura real uma forma fictícia, reunindo os traços esparsos numa concordância necessária (...) criava assim uma obra de arte com o próprio corpo, substituindo o belo natural pelo belo artístico, produto de uma disciplina do espírito (...) é através dessa caligrafia dos gestos que a mulher revela a sua alma contida, reclusa, ligada aos objetos de que se apodera harmoniosamente, absorvendo-os no seu ritmo total.<sup>16</sup>

Desta maneira, precisamente esta criação de arte que foi a vestimenta, o gesto, e a adaptação da roupa para certo corpo ou perfil e alma que se tornou um instrumento para a luta da mulher em busca de si mesma e de sua impressão da alma na sociedade.<sup>17</sup> Gilda em um depoimento confessa: “*No fundo, eles não acreditavam muito na vocação nossa de mulheres, na nossa vocação intelectual (...) que a opinião agressiva dos grupos conservadores que nós tínhamos abandonado, e a opinião ambivalente e flutuante de nossos colegas tenham contribuído para a elaboração de um ser frágil, tímido, dividido entre a revolta e o medo, o desejo de afirmação e a dolorosa consciência do empecilho*”.<sup>18</sup> No entanto, neste meio caminho, a mulher teve de adentrar

16 SOUZA, Gilda de Melo. O espírito das roupas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 100-1 e 104.

17 “*Um estilo de existência – talvez a sua única contribuição original à cultura masculina.*” in: Idem, *Ibidem*, p. 106.

18 Trechos do depoimento que Gilda de Melo e Souza fez na USP, em julho de 1984, por ocasião da 36ª Reunião da SBPC e por iniciativa do Centro de Estudos Rurais que promoveu o encontro A Mulher nos Primeiros Tempos da Universidade de São Paulo. Transcrito no artigo de Blay, Eva e Lang, Alice Gordo. “A mulher nos primeiros tempos da Universidade de São Paulo”, *Ciência e Cultura*, no 36 (12), dez. 1984, p. 2137. In: PONTES, Heloisa. A paixão pelas formas: Gilda de Melo e Souza. In: *Novos Estudos* 74, março, 2006, p. 99.

no universo masculino para adentrar em uma profissão e, posteriormente, na universidade, colocando em cheque de certa maneira sua individualidade, como as *sufrajettes* o fizeram na luta por mais direitos na Inglaterra, reorientando “*o papel social para o qual tinham sido educadas: mães e donas de casa. O impacto dessa experiência renovadora propiciada pela faculdade foi enorme, sobretudo para aquelas que efetivamente tentaram inventar para si um novo destino.*”<sup>19</sup> Todavia, ficou ainda por se estabelecer o equilíbrio da graça feminina com a eficiência masculina, uma vez que, ao adentrar tal universo e destino, a mulher teve de ter duas identidades, tanto a masculina - com sua mentalidade, despojamento, costumes, eficiência e modo de vestir - quanto a feminina, mas isso seria uma exigência de um espírito do tempo ainda por vir, por isso sua importância e sua atualidade hoje; por isso tal trabalho pode ecoar ainda mais de sessenta anos depois de ser escrito e mais de cem de tal revolução copernicana da mulher.

## Referências

ARANTES, José Tadeu. Gilda de Melo e Souza – Pioneira – Livro resgata entrevistas, cartas e ensaios. Resenha disponível em SEAF – Associação de estudos e atividades filosóficos: <http://seaf-filosofia.blogspot.com.br/2014/05/gilda-de-mello-e-souza-pioneira-livro.html>.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Notas sobre o método crítico de Gilda de Melo e Souza. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 56, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142006000100021&lng=&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100021&lng=&nrm=iso). Acessado em: 26/02/2016.

ARÊAS, Vilma. “Prosa Branca”. *Discurso*, no 26, 1996, p. 26. Disponível em: <http://philpapers.org/rec/ARAPB>.

BLAY, Eva Alterman & Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo. “A mulher nos primeiros tempos da Universidade de São Paulo”. São Paulo, *Ciência e Cultura/SBPC* v.36, n.12, 1984.

19 PONTES, Heloisa. *Ibidem*, p. 99.

- BLAY, Eva Alterman & Lang, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Mulheres na USP. Horizontes que se abrem*. São Paulo, USP/Humanitas, 2004.
- BLAY, Eva Alterman & Lang; GORDO, Alice Beatriz da Silva. *Pioneira na Universidade de São Paulo: relatos e análise*. Disponível em: [http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA\\_IX/Alice-Lang-Eva-Blay.pdf](http://www.brasa.org/wordpress/Documents/BRASA_IX/Alice-Lang-Eva-Blay.pdf). Acessado em: 26/02/2016.
- BONADIO, Maria Claudia. *Porque (re)ler o Espírito das Roupas?* IN: 11º Colóquio de Moda – 8ª Edição Internacional, 2º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 2015. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/11-Coloquio-de-Moda\\_2015/ARTIGOS-DE-GT/GT06-MODA-E-CULTURA/GT-6-PORQUE-RELER-O-ESPIRITO-DAS-ROUPAS.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/11-Coloquio-de-Moda_2015/ARTIGOS-DE-GT/GT06-MODA-E-CULTURA/GT-6-PORQUE-RELER-O-ESPIRITO-DAS-ROUPAS.pdf). Acessado em: 26/02/2016
- BOTTON, Fernando Bagiotto. *Resenha de “O Espírito das Roupas: a moda no Século XIX”* In: *Cadernos de Clio*, Curitiba, n.º 3, 2012.
- GALVÃO, Walnice Nogueira (Org). *A palavraafiada*. Gilda de Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gilda de Mello e Souza: um percurso intelectual*. Revista USP, Brasil, n. 69, p. 104-116, maio, 2006. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13517>>. Acessado em: 26/02/2016.
- JESUS, Matheus Gato. *A metrópole como meio legítimo de expressão feminina*. In: PROA – Revista de antropologia e arte, vol. 01 n° 04, 2013. Disponível em: [www.revistaproa.com.br/04/?page\\_id=159](http://www.revistaproa.com.br/04/?page_id=159). Acessado em: 26/02/2016.
- LEBENSZTAYN, Ieda. *A compreensão da vida e da arte de Mário de Andrade: suas cartas*. 22 (62): 357-64, 2008. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a24v2262.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a24v2262.pdf). Acessado em: 26/02/2016.
- MAGNO, Maria Ignês Carlos. *Revista Clima: A Crítica num tempo de homens perdidos*. Dissertação de Mestrado em História, PUC-SP, 1992.
- PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. *Tempo de Clima*. Tempo Social, Brasil, v. 16, n. 1, p. 336-338, junho, 2004. ISSN 1809-4554. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12431/14208>. Acesso em: 26/02/2016.
- PONTES, Heloísa. *Ar de família: a turma de Clima*. Literatura e Sociedade, São Paulo, n. 12, p. 62-73, dezembro de 2009. ISSN 2237-1184. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/25200>. Acesso em: 26/02/2016.
- PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68*. Companhia das Letras, 1998.
- PONTES, Heloisa. *Modas e Modos: uma leitura enviesada de o espírito das roupas*. In: MELO, Hildete Pereira; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lucia (Org). *Olhares Feministas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006, p, 510. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154563por.pdf>. Acessado em: 26/02/2016.
- PONTES, Heloisa. *A paixão pelas formas: Gilda de Mello e Souza*, In: *Novos Estudos Cebrap*, n.74, março de 2006, pp. 87-105. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29641.pdf>. Acessado em: 26/02/2016.
- SOUZA, Gilda de Mello. *A ideia e o figurado*. São Paulo: Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2005.
- SOUZA, Gilda de Mello. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2009.
- SOUZA, Gilda de Mello. *O espírito das roupas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SOUZA, Gilda de Mello. *O Tupi e o alaúde*. São Paulo: Editora 34, Coleção Espírito Crítico, 2003.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970), 1997. Tese de doutorado. Disponível em: <http://pos.fflch.usp.br/node/43617>. Acessado em: 26/02/2016.

WERNECK, Mariza Martins Furquim. A vestimenta sem fim de Roland Barthes. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-vestimenta-sem-fim-de-roland-barthes/>. Acessado em 03/03/16.

Recebido em: 15/11/2016

Aceito: 15/12/2016